

CACHOS & CONVERSA: ESTÉTICA, INFORMAÇÃO E EMPODERAMENTO FEMININO

Dilânia Cabral da Silva; Nadia Farias dos Santos; Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva

Sistema Itatiunga de Comunicação – dilanysilva@yahoo.com.br; Universidade Estadual da Paraíba – nadia26farias@gmail.com ; Universidade Estadual da Paraíba - liannecampelo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O mundo tem uma história contada por homens desde sempre. Dentro dessa história existem outros atores, ou melhor, atrizes que em desacordo com algumas narrativas impostas, sempre lutaram para terem seu protagonismo reconhecido e valorizado nessa história mundial.

As mulheres mesmo diante de um mundo machista nunca se furtaram a lutar por uma sociedade que as reconhecessem, mesmo a despeito da dominação masculina, organizadas e em manifestações ao longo dos séculos XIX e XX, como por exemplo os movimentos feministas em 1789 na França, nos quais as mulheres passam a atuar na sociedade de forma mais significativa, reivindicando a melhoria das condições de vida e trabalho, a participação política, o fim da prostituição, o acesso à instrução e a igualdade de direitos entre os sexos. Ou ainda gritavam por direito, denunciavam o abuso e a exploração do trabalho escravo de mulheres e crianças em muitas partes do mundo.

No Brasil a condição feminina não poderia ser diferente, no período colonial as mulheres eram propriedade de seus pais, maridos, irmãos ou patrões. A luta das mulheres era focada extremamente no direito à vida política, educação, direito ao divórcio e livre acesso ao mercado de trabalho. Durante o Brasil Império passou a ser reconhecido o direito à educação da mulher, nessa época mulheres lutavam para serem reconhecidas pelos constituintes, visto que não possuíam nenhum direito.

O mercado de trabalho sempre foi um espaço de luta para as mulheres brasileiras, no século XX é fundada, em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, onde os principais objetivos eram a batalha pelo voto e livre acesso das mulheres ao campo de trabalho. Durante os dois períodos ditatoriais no Brasil foram simbólicas as conquistas como a criação da Fundação das Mulheres do Brasil, aprovação da lei do divórcio, e a criação do Movimento Feminino Pela Anistia no ano de 1975, considerado como o Ano Internacional da Mulher, onde muitos debates foram realizados sobre a condição da mulher. Nos anos 80 foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da

Mulher, que passaria a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, e passou a ter status ministerial como Secretaria de Política para as Mulheres. Essa criação trouxe ao cenário político um olhar mais direcionado a conjuntura feminina brasileira.

Diante desse cenário, o evento Cachos e Conversa tem o objetivo de promover o diálogo sobre estética negra e suas interrelações com a condição e a representação da mulher negra na sociedade, além de colocar como um espaço de luta, de fala e de resistência.

1.2 A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA

Mesmo estando dentro desse contexto de luta feminista, as mulheres negras tinham lutas ainda mais peculiares. Não bastasse ser mulher, ser negra era ter que lutar duas vezes, por direitos, igualdade e respeito à etnia. Mulheres negras sempre fizeram parte dessa importante trajetória de busca por cidadania e respeito. Se diante da história não faltam lutas por direitos e igualdade. Elas também passam pela aceitação da figura da mulher negra e suas particularidades, como o tipo de cabelo. As várias referências feitas ao cabelo da mulher negra não param por aí. “Cabelo Duro”, “Bombril”, “Cabelo Ruim”, “Pixaim”, esses são alguns dos vários nomes pejorativamente usados. A mulher negra é induzida a esquecer suas raízes todos os dias porque o que está posto na mídia é: **CABELO BOM, É CABELO LISO! CABELO LINDO, É CABELO LISO!**

Nesse sentido quanto mais se prega que a beleza europeia vendida pela grande mídia é a beleza real, mais pessoas a compram. Sendo assim, mais mulheres negras enterram suas raízes africanas na busca por um padrão aceito. Segundo Santos e Santos (2015, p. 4):

A mídia oferece um grande contributo negativo quando através de seus vários meios de comunicação: jornais, revistas, rádios, televisão, internet entre outros, atuam na cristalização de estereótipos, isto acontece quando ela não oferece ao seu público imagens e discursos positivos em relação à população negra, agindo dessa forma, na permanência do racismo em nossa sociedade.

No cenário da moda nacional a invisibilidade negra também se faz presente. Os principais desfiles realizados no país trazem pouquíssimos modelos negros e as revistas de moda raramente estampam modelos negras em suas capas e demais páginas. É nesse cenário de contestação e negação da estética negra pela supervalorização de um padrão de beleza que não representa a diversidade dos grupos étnicos e culturais que o evento Cachos & Conversa se apresenta como um espaço de diálogo, de informação, de escuta, de valorização e empoderamento das mulheres negras patoenses, utilizando o cabelo da mulher negra como um detonador para se discutir preconceito,

racismo, discriminação e a condição feminina no século XXI. Para Mattos (2015, p. 40) “Na contemporaneidade, podemos vislumbrar um outro tempo, não menos racista e discriminatório, mas de uma diversidade estética mais contemplativa, em que principalmente se observa a insurgência dos cabelos crespos e naturais numa nova construção de estima e pertencimento”. As marcas do racismo direcionadas à estética do cabelo negro impressas cruelmente na memória dessas mulheres e a possibilidade de oferecer um espaço aberto e seguro no qual todas possam se abrir, revelar suas cicatrizes e em conjunto ressignificar suas histórias e suas estéticas, num empoderamento calcado nas similaridades de suas vivências foi o objetivo desse evento realizado na cidade de Patos-PB.

2 METODOLOGIA

Esse relato de experiência foi constituído a partir do evento Cachos & Conversa, evento público voltado às mulheres negras cacheadas, crespas e simpatizantes, realizado no dia 25 de julho de 2017. De cunho qualitativo com análise de conteúdo a partir das falas das mulheres participantes. Para este trabalho nos utilizaremos de falas de 4 participantes do evento e para fins do estudo os nomes das mulheres serão preservados e representados pelos nomes de grandes mulheres que fizeram parte na luta das mulheres no Brasil, a saber: Dandara, Maria Quitéria, Nísia Floresta e Lélia Gonzalez. Os depoimentos de quatro participantes do evento Cachos & Conversa serão analisados nos aspectos do empoderamento, estética e informação, em vários espaços de convivência: o ambiente familiar, o escolar e o profissional, como também a influência da informação nesse processo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A sociedade é marcada por relatos de dominações de um povo ou líderes sobre os demais da população. Ao pensarmos sobre a liberdade/emancipação dessas dominações, estamos nos referindo ao empowerment ou em português o empoderamento, em suas duas formas: a individual e a coletiva (BAQUERO, 2012).

Segundo Sardenberg (2006), o termo empoderamento está tendo uma ampla vigência nos últimos anos, as mais variadas áreas do conhecimento utilizam esse termo. Todavia, a forma como este é usado em relação à temática do empoderamento da mulher, resultou em contradição ao que é proposto pela luta feminina. Para elas, o empoderamento está ligado ao processo de conquista da

autonomia, a emancipação das opressões impostas pelo patriarcado ao gênero feminino, e assim, poder assumir o domínio de seu corpo e de suas vidas.

O primeiro relato, expresso no depoimento de Dandara comprova o quanto é difícil se empoderar de suas raízes quando na família o ideal de beleza é a vendida pela TV, jornais e estampada nas capas de revista, que traduz na famosa e estimulada beleza europeia: cabelo liso e loiro.

Tenho 15 anos e desde que me entendi por gente, escuto minha mãe, minhas tias, primas e a maioria das minhas amigas de escola, dizer que meu cabelo é fuá e não tem jeito. Passei 09 anos alisando os cabelos como todas elas. Depois que comecei a ver na tv mulheres negras lindas, com cabelos volumosos, cachos a mostra e uma beleza que me fazia chorar, decide que também teria minha realidade de volta. Quando com 5 anos minha mãe alisou meu cabelo, só lembro que chorei muito porque não queria que fizesse aquilo. O cheiro era forte, tinha que ficar com cabelo solto e era isso a única coisa que me deixava feliz. Sonhava em andar com cabelos soltos sempre. Fiz big shop com 8 meses após a desistência da química. Não estou com o cabelo que sonho ainda, mas estou mais próxima de chegar lá. Ver minha mãe, tias e primas me olhar com aquela cara de descredito, parece me dar mais força para ser a liberdade que sou hoje.

A cultura muda e com ela os comportamentos de homens e mulheres que vivem em sociedade. Padrões são criados e é fácil perceber no depoimento de Dandara a pressão exercida para que nos adequemos aos padrões considerados ideais e largamente difundidos em detrimento da valorização de outros tipos de belezas como a negra que na maioria das vezes é desconsiderada, o que causa bastante sofrimento e tentativas frustrantes de mudanças para o alcance da aceitação social.

Assumir suas raízes étnicas a partir da aceitação do cabelo para muitas significa estarem expostas a comentários e situações desagradáveis dentro de suas casas oriundas pela cristalização do padrão europeu de beleza. Um dos primeiros enfrentamentos de situações de inconformidade com os padrões de beleza negra ocorrem dentro dos lares e são muito comuns pais e parentes se utilizarem de comentários e ações efetivas de mudança estética para aproximação do padrão aceito na sociedade, isso fica bem exposto no depoimento de Maria Quitéria que relata:

Desde que me lembro de ter cabelo, lembro deles sempre presos. Nunca fui a escola de cabelo solto. Minhas amigas diferentes de mim, iam cheias de penteados, ligas coloridas e muitos laços. Minha mãe sempre detestou o cabelo dela e o meu também. Cresci ouvindo que meu cabelo era duro, não prestava para nada, não ficava arrumado e sempre dava muito trabalho. Cresci, me tornei professora, comecei a cuidar do meu cabelo e amar ele como deveria ser. Na sala de aula comecei a observar que outras mães repetiam o comportamento da minha. Um dia propôs as minhas alunas com cabelos afros que elas que fizessem um bonito penteado, outro dia tranças, em outros que deixassem o cabelo solto e livre. Dava

para ver eu refletida na alegria daquelas meninas. Sou professora e acredito que a escola tem papel crucial nesse processo de valorização e aceitação [...].

As mulheres que resolvem assumir sua beleza negra e com isso escolhem abolir nelas as marcas impostas pela sociedade na forma do liso, da química e dos produtos comerciais que os acompanham e decidem enfrentar a transição capilar para suas texturas naturais enfrentam preconceitos, porém para além disso, ocorre uma profunda transformação interior como aponta o relato de Nísia Floresta:

Passar pela transição foi renascer. Nunca pensei que meus cabelos crespos me trariam uma transformação tão intensa. Nem eu e nem meu mundo estava preparada para mulher forte que estava atrás desses cabelos altos, volumosos e cheios de força da raiz as pontas. Me chamaram de maria machão, de hominho, de tanta coisa. Jamais vou esquecer o dia que aquele vídeo chamou minha atenção na internet e a pergunta que a cacheada que aparecia lá me fez: “Esse cabelo é meu e reflete minha história? O seu também? Quem é você?” Me olhei no espelho e queria ver quem eu era atrás daquele cabelo que também não era meu. Pesquisei fotos, muitos e muitos vídeos sobre cabelos cacheados e crespos. Sou a pessoa mais feliz do mundo hoje com todo esse meu volume. Não uso as mesmas roupas, mudei o gosto musical, a cor do cabelo e tudo que não combine com meu black, meu cabelo nasceu e eu também.

A não valorização das diferentes belezas que compõem a sociedade brasileira e a adoção de um único padrão se reflete nas oportunidades de emprego nas quais as exigências de boa aparência não inclui a beleza das pessoas negras, que para se adequarem as exigências do mercado de trabalho modificam sua aparência natural para ter mais chances de empregabilidade. Esses fatos bastante corriqueiros estão expressos na fala de Lélia Gonzales que diz:

Foram 20 anos de química. O suficiente para tentar ser o que eu nunca fui. Sempre gostei de cabelos volumosos, mas todo mundo dizia: alisa que dá menos trabalho, ele vai ficar sempre arrumado. Depois que perdi muitas oportunidades de emprego, porque as pessoas olhavam para mim com desdém devido meu cabelo ser afro e ainda um pouco loira. Era muito contraste para uma pessoa só. Com muitas investidas e nenhum sucesso nas entrevistas de emprego, alisei o cabelo. Passaram 20 anos e o meu desejo de ser eu permanecia, pois eu queria muito ser natural. Ter meu cabelo e pronto, ser aceita assim. Quando fiz graduação em administração, vi que era hora de me impor. Minha competência não será medida pelo o volume do meu cabelo. Foi o que fiz. Cortei ele curtíssimo, sofri para acostumar com os cuidados, mas cada reação dele me deixava mais ansiosa. Hoje aceito sair sem make, mas não saio sem aquele cuidado nos cachos.

Ser negro no Brasil é enfrentar diversas situações que envolvem o preconceito, a discriminação, o racismo, a não aceitação por parte da sociedade da beleza negra, e isso acarreta

sofrimento e autonegação, uma vez que para se encaixar, ser aceito e ter acesso a empregos é preciso abrir mão de quem somos por um padrão que não nos pertence.

4 CONCLUSÃO

Os fatores que geram uma negação a etnia negra são muitos e causam estragos sem escala na vida de mulheres negras que tentam viver em sociedade. As diversas maneiras de informação a que estas têm acesso lhes impõem um padrão de beleza que estão longe de se virem representadas.

Fato é que, quanto mais acesso a informação, mais autoconscientes de sua força e autonomia elas aparentam ser. Mulheres que soltam as amarras dos padrões de beleza impostos e conseguem se auto empoderar e empoderar outras ao seu redor. A informação chega como um veículo de impulso para a quebra de correntes. Visualizar nas principais mídias belezas negras, lhes dão a certeza de que elas podem e devem ser aceitas, respeitadas e valorizadas como mulheres negras, de cabelos negros, afros e isso não lhe fazem menores ou menos bela que as demais.

Portanto, é certo que os ambientes onde essas mulheres estão inseridas e o tipo de informação a que tem acesso influenciam diretamente na aceitação de suas raízes, identidade e empoderamento. Os diversos ambientes sociais estão impregnados de racismo, preconceito e negação. Por isso, espaços de diálogos como Cachos e Conversa são essenciais para que mulheres, em especial as mulheres negras possam encontrar apoio para as suas lutas cotidianas pelo direito a ser respeita em suas subjetividades, uma vez que ser mulher, negra e pobre é ainda mais difícil se impor na sociedade racista em que vivemos.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento: instrumento de emancipação social?** – Uma discussão conceitual. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>>. Acesso em: 2/10/ 2017.

MATTOS, Ivanilde [Ivy] Guedes de. **ESTÉTICA AFRO-DIASPÓRICA E O EMPODERAMENTO CRESPO**. In. Pontos de Interrogação, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015, p. 37-53. Disponível em: < [file:///C:/Users/Nadia%20Farias/Downloads/2164-5784-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Nadia%20Farias/Downloads/2164-5784-2-PB%20(1).pdf)> acesso em 8/9/2017.

SANTOS, Nadia Farias; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **EDUCAÇÃO, MÍDIA E DISCRIMINAÇÃO RACIAL**. II Congresso Nacional de Educação – CONEDU, Editora Realize. 2015. Disponível em < http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA9_ID1684_08092015103847.pdf> acesso em 8/09/2017.